

6

Variação e mudança: a recusa de Saussure e o impacto sobre o processo de gramaticalização

Como se viu, a gramaticalização pressupõe a aceitação da *mudança* no panorama linguístico.

Por seu turno, os processos de mudança passam necessariamente pelos processos de variação. No entanto, este é um processo que, muitas vezes, não pode ser percebido em uma única geração. Não obstante, o que deve ser ressaltado mais uma vez é que, pela circunstância de ver a língua apenas a partir de seus signos internos inter-relacionados, formando a noção saussuriana de sistema, a língua para Saussure pressuporia uma abstração, idealização e homogeneidade que, por si só, refutariam a variação necessária à mudança.

Weinreich, Labov e Herzog chegariam a afirmar que:

Ferdinand de Saussure, in laying the foundations of synchronic study, was aware of the corresponding intractability of language change, and was apparently resigned to it (1968, p. 98)³⁰

Vale dizer que nem toda variação acarretará mudança, pois, para que esta última venha a se consolidar, é necessário que haja a assimilação por parte da massa dos falantes da língua. Nas palavras de Tarallo, “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação.” (Tarallo, 1999, p.63)

No entanto, para Saussure, a variação (e conseqüente mudança eventual) simplesmente não deve ser posta em pé de igualdade com o estudo do estado homogêneo da língua, pois, como ele mesmo diz algures, isso seria semelhante a querer “abraçar um fantasma” (q.v.). A questão central é que Saussure considera as mudanças como fatos isolados, de natureza não sistêmica. Ele não chega a negar a sua existência. Pelo contrário, como se mostrará a seguir, vê-os, paradoxalmente, como importantes na estrutura do idioma, porém num patamar que ele próprio ou bem não sabe escalonar, ou bem

³⁰ Tradução: Ferdinand de Saussure, para lançar as bases do estudo sincrônico, estava ciente da intratabilidade correspondente da mudança linguística, e aparentemente renunciou a ela.

considera de somenos valor em relação à sua tão clara delimitação do objeto a que se propõe investigar: a língua.

Enfim, tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal releva da Linguística externa. Sem dúvida, é nesse ponto que a distinção entre ela e a Linguística interna parece mais paradoxal, de tal modo o fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua; entretanto, na realidade, ele não afeta o organismo interno do idioma. (Saussure, 1984, p.30)